

RESUMOS

Novus Atlas Sinensis

Depois da publicação do *Atlas Sinensis* do jesuíta italiano Martino Martini em Amsterdão, na segunda metade de 1655, a obra foi reimpressa em francês, holandês, alemão e em espanhol, obtendo um extraordinário êxito editorial. Este Atlas conservará o seu primado até 1735, quando o jesuíta francês Jean Baptiste Bourguignon d'Anville publica, em Haia, o *Nouvel Atlas de la Chine*. Contudo, o Atlas de Martini continuará a ser considerado um ponto de referência imprescindível para a cartografia da China até ao século XIX, quando o descobrimento da China pelo mundo protestante inaugurará uma nova era nas relações entre o Ocidente e a China. Se Ricci e Aleni tinham feito conhecer a Europa na China e, em particular, a sua geografia, a Martini tem que ser certamente atribuído o mérito de ter apresentado pela primeira vez, depois das escassas notícias de Marco Polo, um conjunto sistemático de noções e reflexões sobre a realidade física, geográfica e humana do continente chinês, aplanando assim o caminho à exploração cultural e comercial no século XIX. Só há alguns anos o *Atlas Sinensis* viu a luz do dia numa completa tradução italiana. Graças ao riquíssimo aparato bibliográfico e explicativo, finalmente a obra aparece em todo o seu esplendor.

[Autor: Federico Masini, pp. 6-15]

Os Exames Imperiais Chineses na Perspectiva do Padre Álvaro Semedo

Álvaro Semedo foi um jesuíta português e um dos pioneiros da sinologia ocidental que viveu na China durante mais de trinta anos. Durante a sua estada na China, manteve contactos íntimos com todas as camadas sociais e familiarizou-se com as práticas culturais do país. Entre 1637 e 1640, durante uma viagem à Europa, escreveu uma obra bem informada sobre a realidade chinesa com o título *Relação da Grande Monarquia da China*. O presente texto pretende fazer uma apresentação das opiniões de Semedo sobre os exames imperiais da China feudal, destacando a especial relevância das suas descrições

e a sua contribuição para o estabelecimento do sistema de exames e de letrados na Europa dos séculos XVIII e XIX.

[Autora: Zhang Minfen, pp. 6-15]

A Companhia de Jesus e o Leal Senado de Macau. O Caso de Bento Pereira de Faria (1676)

A importância de Macau para os jesuítas provinha, essencialmente, dos grandes interesses de natureza muito prática que os mesmos tinham no território. De forma lenta mas segura, souberam introduzir-se nesta zona, chegando à própria Corte. Para os portugueses no Sul da China, era necessário um apoio específico para fazer frente a diferenças culturais e, sobretudo, de interesses. Os missionários de Pequim respondiam muito bem às solicitações dos seus companheiros de Macau, tirando partido do seu prestígio junto do imperador. A ligação Macau-Pequim, em certas ocasiões resultou num bom trabalho de uma equipa que lutava, cada uma com o seu objectivo, pela sobrevivência da cidade. Enquanto para a comunidade laica o interesse era assegurar a existência da cidade por causa do comércio, para os jesuítas o interesse era esta mesma existência para garantir a continuação da sua escola e consequente evangelização da China. Nesse contexto, torna-se interessante analisar, de forma detalhada, o conflito que, em 1671, opôs Bento Pereira de Faria, ou seja, os moradores de Macau, representados pelo Leal Senado e os jesuítas e que adquiriu proporções invulgares na cidade.

[Autora: Anabela Nunes Monteiro, pp. 22-37]

Comércio de Importação e Exportação em Macau, dos Finais da Dinastia Ming ao Declínio da Dinastia Qing Mercadores Portugueses, Outros Europeus e Chineses

As peculiares condições geo-históricas de Macau resultariam numa enorme dependência da China para a sobrevivência diária da sua população. Esta circunstância foi um instrumento político decisivo nas mãos das autoridades chinesas. Neste contexto Zhang Minggang, vice-rei

de Guangdong e Guangxi, em 1614 escreveu ao imperador referindo-se à sua capacidade de controlar os moradores de Macau. A dependência era igualmente total quanto às matérias-primas e aos sofisticados produtos chineses para abastecer o comércio português de exportação da China para os mercados asiáticos e europeus, que eram a razão de ser de Macau. O viajante italiano Marco d'Avalos, que foi um observador atento da cidade de Macau e do seu comércio, em 1638 refere: "Dentro dos limites da cidade não são manufacturados produtos ou tecidos, e tudo o que é necessário para estas viagens (de exportação) tem de ser trazido de Cantão em juncos e outros". Mas, apesar dos riscos, os grandes lucros obtidos pelos primeiros mercadores portugueses no comércio com a China motivaram a sua fixação em diferentes estabelecimentos no litoral da China e posteriormente estiveram na origem de Macau. Este artigo pretende analisar os agentes deste tráfego mercantil – os grandes mercadores de Macau, saber quem eram, a forma como e onde actuavam.

[Autor: Rui D'Ávila Lourido, pp. 38-56]

Explorar Macau como Parte da Análise Alargada da Cidade Global e Megalópole (1720-1820)

A natureza dos estabelecimentos na rede e paisagem globais do novo milénio tem sido uma discussão predominante desde o fim do século passado. Este artigo irá tratar desta retórica, ao mesmo tempo que examinará o caso do regionalismo e dos estabelecimentos pré-modernos ao longo da costa da China. O carácter extremamente ligado do mundo contemporâneo tem as suas origens no período pré-moderno. Este estudo tenta analisar a demografia, os mercados e as rotas entre Cantão e Macau durante o processo de investigação de aspectos de articulação entre Cantão, Macau e o delta do rio das Pérolas, no período de 1720-1820. Este artigo irá olhar de novo os dados e critérios da avaliação e da discussão em torno das "cidades globais" do passado, em especial Cantão.

RESUMOS

Será estabelecida uma comparação com outros estabelecimentos semelhantes, noutras partes do mundo e ao longo da costa da China.

[Autores: Teddy Y. H. Sim e Sandy J. C. Liu, pp. 57-74]

População e Sistema Demográfico em Macau (Séculos XVI-XVIII)

A história de Macau é um processo que foi mobilizando diferentes narrativas das “origens” da cidade que frequentemente se mostram contraditórias, exageram factos, inventam identidades e organizam a sua própria representação da população local. A história da população e das estruturas demográficas do enclave macaense desde as primeiras fixações de comerciantes portugueses, entre 1555-1557 e finais do século XVIII, em sede de uma sociedade ainda nitidamente pré-industrial, não têm convocado estudos esclarecedores, descontadas algumas persistentes interpretações gerais pouco documentadas e de índole quase “ideológica” da população local. São praticamente inexistentes as investigações sobre a população chinesa esmagadoramente dominante na demografia do território, sobrando títulos e ensaios dedicados a uma pequena minoria populacional que, identificada geralmente como “macaense”, se procura acompanhar enquanto grupo “fundacional” da cidade mesmo quando apenas se consegue documentar o conceito e este agrupamento social já bem entrado o século XIX em estreita comunicação com os processos de resistência e identidade da burguesia comercial local e, mais tarde, do funcionalismo assalariado colonial. Problemáticas que este estudo não deixará de tentar cruzar e ajudar a perceber com maior rigor documental e científico, recorrendo a fontes primárias como o espólio documental da Santa Casa da Misericórdia de Macau e a fontes secundárias interessantes à temática.

[Autor: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 75-98]

Nas Portas do Cerco. João Maria Ferreira do Amaral e Vicente Nicolau de Mesquita

Nas Portas do Cerco há duas datas inscritas verticalmente: 22 Agosto 1849 e 25 Agosto 1849. Estas duas datas representam dois acontecimentos importantes, protagonizados por João Maria Ferreira

do Amaral e Vicente Nicolau de Mesquita em Macau. Para Portugal, as duas figuras foram heróis nacionais e patriotas do colonialismo e, em 1940, foram inaugurados dois monumentos em sua honra. Porém, estes dois colonialistas foram destacados pela história e acusados de agressores e invasores pelas autoridades chinesas, que se agarraram a uma memória colectiva de um mar de sofrimento em meados do século XIX. As duas estátuas de bronze eram monumentos de uma consciência histórica em que os seguidores do historicismo se identificavam, na verdade, com os vitoriosos. Este documento procura evocar a memória colectiva do passado irrecuperável, investigando as razões da inauguração e da remoção das estátuas de Amaral e Mesquita. Nestes exemplos, a história interrompe o contínuo temporal e é reconstruída para tomar o partido da classe dominante. As duas estátuas estavam destinadas a dar lugar a uma nova ordem política no triunfo histórico do progresso.

[Autor: Christina Miu Bing Cheng, pp. 99-111]

Um Lugar Único no Mundo: Imagens Históricas Ocidentais de Macau

Macau tem sido, desde meados do século XVI, um ponto vital para as interações e trocas entre o Oriente e o Ocidente. Durante este período tão longo, muitos ocidentais visitaram Macau e aí viveram, deixando em Macau as suas pegadas e imagens, boas e más. Por outro lado, Macau gravou a sua imagem na mente dos ocidentais que aí permaneceram e que regressaram às suas terras e locais de origem, levando consigo as suas impressões do enclave nos seus escritos, publicações, quadros, poemas, etc. A imagem ocidental de Macau constitui uma valiosa fonte histórica, registo do desenvolvimento e das características em progressão, fornecendo uma perspectiva do exterior, que poderia ser bastante objectiva e funcionar como espelho, reflectindo as condições e passos históricos da cidade. Quais foram as imagens mais impressionantes e duradouras que Macau deixou nos ocidentais? Como era Macau no passado aos olhos dos ocidentais e qual era a fama histórica de Macau? Como

reflectiu a perspectiva ocidental de Macau os conflitos ou interações culturais que aqui tiveram lugar? Este documento recolhe e analisa os limitados registos de Macau deixados por ocidentais, observa como a imagem nasceu e evoluiu entre os ocidentais e que aspectos sobre Macau foram registados por estes, enquanto testemunhos históricos..

[Autor: George Wei, pp. 112-127]

Regatas Inglesas, Danças Escocesas, Óperas Italianas e Jantares com Pauzinhos. O Comércio da Sociabilidade em Cantão e Macau

Este artigo visita uma comunidade de expatriados americanos, um grupo de homens e mulheres levados por oportunidades comerciais para a costa da China durante o final do século XVIII e as décadas iniciais do século XIX. Enquanto estavam na China, vivenciaram um meio cultural completamente diferente do que aquele que os portos comercialmente prósperos e relativamente cosmopolitas americanos de Boston, Salem, Nova Iorque e Filadélfia ofereciam. Muita da literatura chinesa sobre americanos durante o século XIX enfatiza o papel dos missionários cristãos, mas muitos mais americanos rumavam à Ásia com objectivos comerciais. Até recentemente, a maior parte das suas histórias restringiam-se à história económica ou a uma espécie de hagiografia, frequentemente reservada para os primeiros exploradores. O início do comércio directo americano com a China, em 1784, reacendeu o fascínio pelos produtos asiáticos, em especial o chá, que diminuía durante a época da Revolução Americana. Os sentimentos republicanos contra a ostentação do luxo e as “riquezas do oriente” bem como os primeiros boicotes ao chá e aos tecidos importados haviam transformado o prestígio associado às sedas asiáticas, aos pratos de porcelana e aos chás finos em algo de prazer secreto ou num interesse posto de lado em face de preocupações mais importantes. Ainda a tinta do Tratado de Paz de 1783 não tinha secado e já americanos empreendedores tiravam vantagem da possibilidade de iniciar o seu próprio negócio com a China

[Autora: Phyllis Whitman Hunter, pp. 128-138]